



# HERODES

FOLHA HUMORISTICA DA COLONIA JUDAICA DE BRAGA E SEUS SUBURBIOS

Administrador:—Dimas.—Redactores: Caiphaz, Annaz, Longuinhos, Barrabaz e Judas

1.º ANNO

Assignatura

Semestre ..... 250  
Anno..... 500

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Preço avulso ..... 40 rs.

Para communicados, annuncios e correspondencias, rua de S. Geraldo n.º 53

NUMERO 13



## A VISITA DA FAMILIA REAL PORTUGUEZA

Quando a formosa, fidalga e heroica Princesa do Minho — a Augusta Braga — prepara as suas vestes de gala e dispõe as suas joias e adornos para receber distinctamente a visita da excelsa Familia Real Portugueza — a mais nobre e benemerita da Europa, — não deve o *Herodes*, o mais modesto órgão jornalístico d'esta vetusta cidade, deixar de apresentar-se com os seus singellos enfeites, para prestar a devida homenagem á illustre descendencia do immortal doador da Carta Constitucional.

E' que a honra, se bem que merecida, da régia visita dos Monarchas Portuguezes, enche-nos de jubilo e traz-nos o espirito a trasbordar de prazer e alegria: — jubilo por vêmos no nosso seio aquelles que são tão caros e sympathicos á patria; prazer e alegria por lhes podermos manifestar a nossa gratidão, o nosso reconhecimento pela benemerencia e philantropia com que sabem beneficiar o povo, e pela mais alevantada distincção com que exercem o seu reinado.

Por toda a parte sôa alto a trombeta da fama que acompanha a Familia Real Portugueza, e o paiz, agradecido, corre pressuroso a significar-lhe o contentamento que lhe vae n'alma ao vê-la; Braga que se presa e orgulha de ser tão monarchica como reconhecida, dispõe-se tambem para a receber o mais distincta e condignamente.

Nada mais justo, nada mais agradavel, nada mais sympathico. A festa é digna dos festejados e dos festeiros.

\*

Acompanham os reaes visitantes alguns membros do actual gabinete, a quem Braga tambem deve importantes beneficios, e muito especialmente o satisfatorio *desideratum* do celebre incidente em que ha pouco estivemos empenhados, e que ainda está bem vivo na memoria de todos. Ponhamos, pois, de parte quaesquer considerações politicas, que n'esta occasião não devem existir, e testemunhemos agora o nosso indelevel reconhecimento a esses membros do governo que preside aos destinos da nação, especialmente ao honrado presidente do conselho de ministros, quem mais se distinguiu em semelhante pendencia.

O *Herodes* não tem politica, já o dissemos; mas tem o direito de manifestar a sua gratidão a quem a deve, na sua qualidade de periodico de Braga. E' o que faz, e o que aconselha a todos os seus dignos compatriotas.

— A' festa em honra dos régios e distinctos visitantes!

A' festa, pois!

A REDACÇÃO.

Braga, 2.º de Outubro de 1887

## O MEU DESEJO...

Sempre que encontro na minha frente um d'esses pulhas de má morte que compram a pezo de ouro um titulo de commendador, barão, visconde, etc. etc., o meu desejo é atirar-lhes como S. Thiago aos mouros!

Já tenho por vezes patenteado o odio que voto a esses cavalheiros, e vou aqui dizer a razão porque assim penso: Ordinariamente esses homens vêem a sociedade por um prisma muito differente do que realmente é, e julgam, no seu estúpido modo de pensar, que o ser-se fidalgo em Portugal, ou n'outro paiz, põe as acções infames, canalhas, villãs e indignas ao abrigo do juizo recto e imparcial do incorruptível tribunal da opinião publica!

Engano! Pensam que na sua posição de plebens não terão a força precisa para praticar as baizezas e villanias que a sua pessima indole e lodoso caracter lhes aconselha, e correm então desenfreados e pressurosos a negociar um titulo, que imaginam os põe a coberto das justas apreciações do publico.

Não posso, por isto, encarar sem nojo esses miseraveis, que me provocam a maxima indignação!

E, a proposito, vou fazer uma pergunta... innocente ao muito pouco nobre visconde de Sinda:

— Porque motivo não tem pago o que ha de mais justo, santo e sagrado — o producto do trabalho laborioso e honrado d'um artista — agora cego, aleijado e impossibilitado para a vida; — porque motivo, snr. visconde, dizia eu, não tem pago ao infeliz mestre Sales a quantia de 63,5000 reis, producto do seu suor, dos seus cuidados, das suas labutações, quando esse dinheiro agora teria minorado o seu amargurado viver, seria limitivo ao triste fadario que a natureza lhe destinou n'este valle de lagrimas, um balsamo ás suas dôres lancinantes, e daria allivio ao seu soffrer, luz ao seu leito e lume ao seu lar?!

O pobre e infeliz artista, no ultimo quartel da sua penosa vida, aguarda, em trevas, a chegada d'aquella que, sem distincção de espheras, arranca todos ás ultimas illusões da vida; e o snr. visconde, ha quasi dous annos que se constituiu seu devedor por aquella quantia, e ainda não sentiu no seu coração as picadas do remorso para pagar essa divida de honra!!!

Que figados de hyena! Que coração de tigre!!! Não tem meios, snr. visconde?! Não tem colhido fructos das suas propriedades?! Não tem podido deduzir das suas despesas a satisfação de tão sagrada divida?!!!!...

E' de mais, snr. visconde! Se v. exc.<sup>a</sup> tivesse em alguma estima isso que se chama honra e dignidade, — se conhecesse o dever dos homens de bem, já teria, com certeza, satisfeito ao misero mestre Sales, para não morrer de fome, o que lhe succederia se a caridade lhe não accudisse!!!

Pois creia, snr. visconde de Sinda, que se v. exc.<sup>a</sup> não pagar de prompto e condignamente ao pobre e arruinado artista, terei de amarral o, bem seguro, ao poste dos infames, e um dia receberá o premio que merece...

Conte comigo.

Pilatos.

## É DE PASMAR!...

O nosso collega da *Democracia Commercial* tem apresentado ultimamente uma quadrilha de ladrões, que faz pasmar!

Santo Deus, o que ahí vae! Ladrões para diante, ladrões para traz, — ladrões para cima, ladrões para baixo... Infames para um lado, — patifes para o outro, — é um nunca acabar de graças que o arrojado jornalista está dispensando aos benemeritos!!!

Até ao Araujo do Paul da Senhora-a-Branca chama ladrão, e crêmos que tem em igual consideração o Quimzinho Russe de olhos de marroquim!...

E nós que tinhamos estes gajos em outra conta, assim como outros que já estão amarrados ao poste honroso!...

Admirados da paciencia do illustre correspondente, cumpre-nos pedir-lhe que não esmoreça na sua tarefa; e ao snr. Manoel de Brito recommendamos que faça atrancar esses fajardos na cadeia, visto que são... o que são...

Por nossa parte, cá vamos andando com outros mariolas da mesma especie e feito, snr. correspon-

dente da *Democracia Commercial*; e visto que trabalhamos de commum accordo, venha de lá uma mãozada, e até á outra vez.

Barrabaz.

COM VISTA AO EXCM.<sup>o</sup> DIRECTOR DO CORREIO

Muitos negociantes d'esta praça têm vindo puchar á nossa campainha para se nos queixarem dos sub-delegados do correio que têm caixinhas á porta, mas que não têm sellos, nem bilhetes postaes; e pedem-nos o nosso interesse por este assumpto da maxima importancia, especialmente para o commercio. Ora nós já sabemos que só muitissimo poucos cidadãos dos que têm caixas do correio á porta é que compensavam os beneficios que a mesma confere, com o pequenissimo e obrigatorio sacrificio d'uma pasta de sellos em casa para franquia de cartas, e uma duzia de bilhetes postaes; mas o que estavamos longe de pensar é que houvesse ahí para os lados da rua dos Capellistas um d'aquelles privilegiados cidadãos que tem a coragem de responder — que os sellos se vendem na casa do correio e porisso que não lhe esteja a amassar a cabeça!!!

Não temos bem presentes as obrigações e direitos dos sub-delegados do correio; mas parece-nos que quem tem caixa de correio á porta, tem a obrigação de vender sellos, e a não ser assim seria bom se recolhessem as caixas, visto nenhum proveito offererem ao publico em geral, e ao commercio em particular. Se o commercio tiver de mandar comprar os sellos ao correio geral, n'esse caso tambem manda logo franquiar a sua correspondencia, e as caixas são inuteis; se as caixas foram estabelecidas para utilidade do publico, então rogamos ao exc.<sup>mo</sup> director do correio que tome em consideração as queixas do commercio, fazendo recolher as caixas dependuradas nas portas dos estabelecimentos que não as querem senão como taboletas e para só gosarem as garantias e privilegios.

José do Egypto.

## A QUESTÃO BANCARIA

## AINDA O ESCANDALO MONUMENTAL

Corroborando as reflexões que fizemos no passado numero, acerca do escandaloso facto occorrido com o nosso amigo o snr. Antonio Luiz da Costa, vae adiante publicado um communicado, em que este cavalheiro se queixa, em termos habeis e demasiadamente prudentes, do péssimo e repugnante procedimento dos directores do Banco do Minho — Franco e Pereira Braga.

Sentimos não ter hoje espaço para nos alongarmos em considerações sobre tal assumpto; mas voltaremos no proximo numero, porque é digno da nossa attenção e proveitoso para o publico.

Pilatos.

## O director da contrastaria de Braga

Por vezes tem chegado ao nosso conhecimento alguns factos, que não abonam muito a competencia do snr. director da contrastaria d'esta cidade, o qual, antes de ser nomeado para este cargo, exercia o modesto logar de praticante n'uma pharmacia da capital!

Não sabemos bem se foram as brilhantes provas que deu no concurso para o logar que hoje exerce, ou se foram outras as razões que o collocaram n'esse logar; o que é certo é que sem competencia, ou com ella — elle ahí o está exercendo, e são os pobres ou-rives que vão experimentando e soffrendo as consequencias d'esta *acertada nomeação*.

Em abono ao que dissemos, ahí vae o seguinte facto:

Um ourives, d'esta cidade, mandou alli ensaiar uma obra de ouro, a qual o snr. Terceiro não julgou digna de receber a marca legal, e portanto declarou ao interessado que ou lh'a marcava como obra baixa ou lh'a *esmagava*!

O pobre artista, para quem esta obra representava o fructo do seu trabalho de mais de 15 dias, ficou fulminado com este *desideratum*, porque tinha a consciencia de ter feito a obra na forma da lei. Pediu, instou para que não lhe fosse applicado castigo tão severo, para uma falta que na melhor boa fé havia commettido; porém o snr. director foi inexoravel na sua desafortada deliberação!

Ou a obra seria esmagada, ou marcada como obra para o estrangeiro! Pediu a victima espera de 24 horas; e n'este tempo alguém o aconselhou a que mandasse fazer um ensaio real por pessoa competente: tendo-o assim feito, veio a reconhecer que a sua obra estava em perfeitas condições de legalidade e não devia soffrer a menor duvida em ser marcada como desejava. Certo da sua justiça voltou á contrastaria, exigindo lhe fosse feito novo ensaio á sua obra, porquanto elle cada vez estava mais seguro de que ella estava nas condições legais pelo exame a que tinha mandado proceder.

Imagine-se agora com que cara ficaria o *sapiente e abalizado* director, quando reconheceu o erro que havia praticado, desculpando-se com umas razões que provavam mais a sua inaptidão do que os motivos que teve para um tal procedimento. No entanto quem pagou as custas foi o pobre fabricante, que teve de pagar os ensaios, aguentar com uma porção de peças inutilizadas e soffrer todos estes vexames, que de certo se não dariam se o logar de director da contrastaria fosse desempenhado por alguém menos pretencioso e mais conhecedor da arte que exerce.

Voltaremos ao assumpto.

Annaz.

## O SALÃO DA RECEPÇÃO REAL

Está esplendido e deslumbrante de magnificencia o salão destinado a receber a Familia Real, na estação do caminho de ferro d'esta cidade.

Presidiu aos seus adornos o bom gosto e fino tacto do snr. José Pereira da Cunha, armador da Casa Real, pelo que sinceramente lhe endereçamos os nossos cordeaes parabens.

Pilatos.

## O PADRE DAS SUISSAS

CANTADO EM FADOS

I

MOTE

O Constantino parvalha  
Fez na Povoal tal figura,  
Que a muitos se affigura  
Que elle é... burro e come palha!

GLOSA

Tenho dó d'elle, coitado!  
Vergado sob a pressão,  
Anda o pobre, como um cão,  
Corrido e escorraçado!  
Quer na rua, ou no café,  
Todos lhe passam o pé,  
Sem ter ninguem que lhe valha;  
E na Povoal, como em Braga,  
E' sempre uma grande praga  
O Constantino parvalha!...

Ai! que sorte tão tyranna  
A d'este pobre diabo!  
Elle leva a vida ao cabo  
Sempre, sempre em lucta insana!  
E p'ra passar tristemente  
Incommoda muita gente  
E arrosta a fome dura!...  
Pobre e misero jarreta!  
Apesar da sua treta  
Fez na Povoal tal figura!

Eu quizera que o salafario  
Rapasse as toscas suissas  
E se dedicasse ás missas,  
Pulpito e confissionario;  
Que não fosse um parazita,  
Casado com a desdita,  
Batalhando com a natura,  
Porque n'essa senda errante,  
Não passa além do farçante  
Que a muitos se affigura!

Mas nunca perde a mania  
De ser Adonis sopeiro,  
Um Tenorio parvalheiro  
Em conquistas noite e dia!  
Em vendo alguém com saia,  
Parece um fadista, um faia,  
A render a sua graçalha;  
E da sua imprudencia  
Tira sempre a consequencia  
— De que é... burro e come